

MILLENNIUM ⑥

**A
GAROTA
MARCADA
PARA
MORRER**
DAVID LAGERCRANTZ
A ÚLTIMA LINGUA DE SOLIE DE
STIEG LARSSON

Tradução do sueco
Kristin Garrubo

Copyright © 2019 by David Lagercrantz & Moggliiden AB
Publicado originalmente pela Norstedts na Suécia em 2019.
Publicado mediante acordo com a Norstedts Agency.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Hon som måste dö

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lagercrantz, David

A garota marcada para morrer / David Lagercrantz ; tradução do sueco Kristin Garrubo. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019. — (Millennium ; 6)

Título original : Hon som måste dö.
Seqüência de: O homem que buscava sua sombra.
ISBN 978-85-359-3268-3

1. Ficção sueca I. Título. III. Série.

19-29582

CDD-839.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura sueca 839.73

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

Prólogo, 7

I. Os desconhecidos, 11

II. O povo das montanhas, 109

III. Servir a dois senhores, 225

Epílogo, 327

PRÓLOGO

Naquele verão apareceu um novo mendigo na vizinhança. Ninguém sabia seu nome e ninguém se importava, embora um jovem casal que passava por ele todas as manhãs o chamasse de “anão maluco”, o que era injusto, pelo menos em parte. Ele não apresentava nanismo do ponto de vista médico. Tinha 1,54 metro de altura e uma constituição proporcional. Mas de fato era louco, e volta e meia se levantava bruscamente, agarrando as pessoas e falando palavras incoerentes.

De resto, passava a maior parte do tempo sentado em cima de um pedaço de papelão na praça de Mariatorget, ao lado do chafariz e da estátua de Thor, quando então acontecia o contrário: ele inspirava veneração. Com a cabeça altiva e as costas eretas, era até capaz de passar por um cacique caído em desgraça, e esse era seu derradeiro capital social e a própria razão por que as pessoas ainda lhe jogavam moedas ou cédulas. Elas viam ali uma grandeza perdida, e não estavam enganadas. Houve uma época em que as pessoas se curvavam diante dele.

Mas agora já fazia tempo que fora destituído de tudo, e a mancha negra em seu rosto também não ajudava em nada. Ela parecia um pedaço da própria morte. A única coisa que se destacava era o casaco de pluma de ganso,

um casaco azul e caro, da marca Marmot. Ainda assim, ele não lhe conferia nenhum ar de normalidade, não apenas por estar coberto de sujeira e restos de comida, como também por ser do tipo ártico, quando era verão em Estocolmo. Um calor abafado pairava sobre a cidade, e o suor que brotava das faces do homem fazia as pessoas olharem incomodadas para o casaco, como se a mera visão dele as deixasse ainda mais atormentadas pelo calor. Mas ele nunca o tirava.

O mendigo estava alienado do mundo e parecia improvável que representasse uma ameaça a qualquer pessoa. No início de agosto, contudo, seus olhos ganharam um ar mais determinado, e na tarde do dia 11 ele escreveu com esmero uma sinuosa história em folhas pautadas A4, que na mesma noite colou, como se fosse um jornal mural, no ponto de ônibus da estação Södra.

O relato era uma descrição alucinada de uma tempestade terrível. Mesmo assim, a jovem médica residente Else Sandberg, que esperava o ônibus número 4, decifrou partes da introdução e depois notou que um membro do governo era mencionado. De resto, concentrou-se mais em fazer um diagnóstico. Seu palpite: esquizofrenia paranoide.

Entretanto, dez minutos depois, ao embarcar no ônibus, ela esqueceu tudo, e a única coisa que restou foi uma sensação desagradável. Deu-se uma espécie de maldição de Cassandra. Ninguém levou o homem a sério, pois a verdade exposta por ele estava tão envolta em insanidade que dificilmente poderia ser compreendida. Ainda assim, a mensagem de alguma forma devia ter atingido o alvo, pois já na manhã seguinte um sujeito de camisa branca desceu de um Audi azul e arrancou o jornal mural do ponto de ônibus.

Na noite da sexta para o sábado 15 de agosto, o mendigo foi até a região de Norra Bantorget para conseguir aguardente no mercado negro. Ali topou com outro bebedor, o ex-operário Heikki Järvinen, de Ostrobótnia.

— E aí, meu irmão? A coisa está feia? — disse Järvinen.

Não recebeu nenhuma resposta, não na hora. Logo mais veio um longo falatório que Heikki interpretou como bravatas e mentiras, ele rosou “babo-seira” e acrescentou, de forma desnecessária, como admitiu a si mesmo, que o homem parecia um “ching chong, chinêsinho”.

— *Me Khamba-chen, I hate China* — o mendigo latiu em resposta.

Então o circo pegou fogo. Com sua mão com tocos de dedos, ele deu um soco em Heikki, e, embora não parecesse exatamente estudada ou ensaiada,

da, havia uma autoridade inesperada em sua violência. A boca de Heikki sangrava e ele xingava como o diabo em finlandês ao sair cambaleando em direção à estação central do metrô.

Quando o mendigo foi visto outra vez, estava de volta a seu velho bairro, seriamente embriagado e indisposto. Saliva escorria de sua boca e ele segurava o pescoço, resmungando:

— *Very tired. Must find a dharamsala, and an Ihawa, very good Ihawa.*

Do you know?

Sem esperar por uma resposta, atravessou a Ringvägen como um sonâmbulo, jogou meia garrafa de aguardente sem rótulo no chão e desapareceu por entre as árvores e os arbustos do parque de Tantolunden. Depois disso, ninguém soube direito o que aconteceu, apenas que uma leve chuva caiu de manhã e que o vento soprava do norte. Às oito horas, quando o vento diminuiu e o tempo abriu, o homem estava de joelhos, encostado numa bétula.

Na rua, aconteciam os preparativos para a Corrida da Meia-Noite. Havia um clima festivo no bairro. O mendigo estava morto, cercado por uma nova alegria no ar, sem que ninguém se importasse que ele tivesse vivido uma vida de improváveis aventuras e feitos heroicos, muito menos que tivesse amado uma única mulher na vida, e que ela também tivesse morrido numa solidão desoladora.

I. OS DESCONHECIDOS

Muitos mortos nunca recebem um nome e alguns nem sequer um túmulo.

Outros ganham cruzeiras brancas entre milhares de outras cruzeiras, como no Cemitério e Memorial Americano da Normandia.

A alguns poucos dedica-se um monumento inteiro, como o Túmulo do Soldado Desconhecido sob o Arco do Triunfo, em Paris, ou o Jardim de Alexandre, em Moscou.

1. 15 DE AGOSTO

A escritora Ingela Dufva foi quem primeiro se atreveu a ir até a árvore, e notou que o homem estava morto. Eram onze e meia da manhã. Ele cheirava mal, moscas e mosquitos fervilhavam em torno, e Ingela Dufva não foi totalmente sincera quando mais tarde disse que havia algo de comovente naquela figura.

O homem tinha vomitado e sofrido uma diarreia severa. Ao contrário de veneração, diante dele Ingela sentiu um forte mal-estar e um temor da própria morte. Tampouco os policiais Sandra Lindevall e Samir Eman, que chegaram ao local quinze minutos depois, viram naquilo algo além de uma tarefa ingrata.

Fotografaram o homem e vasculharam as imediações, embora sem explorar a ladeira abaixo da Zinkens väg, onde estava a meia garrafa de aguardente com uma fina camada como que de cascalho no fundo. Embora nenhum dos dois achasse que “o incidente cheirava a crime”, ainda assim examinaram minuciosamente a cabeça e o tórax do homem. Não encontraram vestígios de violência nem outros sinais de causas suspeitas da morte, exceto uma baba espessa que havia escorrido de sua boca. Depois de discutirem o assunto com seus superiores, decidiram não isolar o local.

Enquanto aguardavam a chegada da ambulância que levaria o corpo, conferiram os bolsos do disforme casaco de pluma de ganso. Encontraram uma porção de papéis translúcidos de embrulhar cachorro-quente, algumas moedas, uma cédula de vinte coroas e um recibo de uma papelaria da Hornsgatan, mas nenhuma carteira de identidade ou outro documento capaz de identificá-lo.

Mesmo assim, acharam que seria fácil descobrir a identidade do homem. Não lhe faltavam características marcantes. Mas também essa hipótese, como tantas outras, mostrou-se equivocada. No Instituto de Medicina Legal de Solna, onde a autópsia foi realizada, tiraram radiografias dentárias. Porém, nem elas nem as impressões digitais colhidas foram encontradas nos bancos de dados. Depois de ter encaminhado uma série de amostras ao NFC, o Centro Nacional de Medicina Legal, a médica-legista Fredrika Nyman conferiu alguns números de telefone que encontrara anotados num pedacinho de papel amarrado no bolso da calça do homem, algo que nem fazia parte de suas responsabilidades profissionais.

Um deles era de Mikael Blomkvist, da revista *Millennium*, e por algumas horas ela não pensou mais a respeito. Entretanto à noite, logo depois de uma briga exaustiva com uma de suas filhas adolescentes, ao se lembrar que somente no último ano fizera a autópsia de três corpos enterrados sem identificação, amaldiçoou esse fato e a vida em geral.

Fredrika Nyman tinha quarenta e dois anos, era mãe solteira de duas filhas, sofria de dores nas costas, insônia e de uma sensação de falta de sentido na vida, e sem entender direito por quê, ela telefonou para Mikael Blomkvist.

O telefone tocou. Era um número desconhecido, e Mikael Blomkvist o ignorou. Tinha acabado de sair de seu apartamento e caminhava pela Hornsgatan em direção a Slussen e Gamla Stan, sem se importar para onde estava indo. Vestia uma calça cinza de linho e uma camisa jeans sem passar, e por um bom tempo simplesmente vagueou pelas ruelas até parar num bar com mesinhas na calçada na Österlånggatan e pedir uma cerveja Guinness.

Eram sete da noite, mas ainda estava quente. De Skeppsholmen vinham risos e aplausos, e ele olhou para o céu azul, sentindo a brisa leve e suave da água, tentando se convencer de que a vida, afinal, não era tão ruim. Não foi especialmente bem-sucedido, e tampouco ajudaram muito as duas cervejas

que tomou. Por fim, murmurou alguma coisa consigo mesmo, pagou e seguiu em direção à sua casa, a fim de continuar trabalhando ou para apenas mergulhar num seriado de TV ou num romance policial.

No entanto mudou de ideia outra vez e, num impulso, foi andando para Mosebacke e para a rua Fiskargatan. No número 9 da Fiskargatan morava Lisbeth Salander, mas ele não tinha grandes esperanças de encontrá-la em casa. Depois do enterro de seu ex-tutor, Holger Palmgren, ela havia viajado pela Europa e apenas esporadicamente respondera aos e-mails e mensagens de texto de Mikael. Mesmo assim, ele decidiu tocar a campainha. Enquanto subia a escadaria da praça, olhou surpreso para o prédio em frente. Toda a fachada estava coberta por um novo e imenso grafite. Mikael, entretanto, não perdeu tempo com ele, embora fosse um desenho dentro do qual se poderia desaparecer, cheio de detalhes surrealistas, entre eles um curioso homenzinho de calça xadrez e descalço, sobre um vagão verde de metrô.

Ele digitou a senha da porta de acesso ao edifício, entrou no elevador e fitou sua imagem no espelho lá dentro. Ela não mostrava exatamente que o verão havia sido quente e ensolarado — estava pálido e com os olhos encovados, e mais uma vez pensou no crash da Bolsa de Valores com o qual havia se batido o mês de julho inteiro. Era uma matéria importante, sem dúvida, um crash não só causado por valorações elevadas e expectativas infladas, mas também por ataques hacker e campanhas de desinformação. Só que atualmente todos os jornalistas investigativos importantes andavam esquadrinhando a história, e embora ele tivesse descoberto alguma coisa, por exemplo que a fábrica de trolls na Rússia havia divulgado as piores mentiras, tinha a sensação de que o mundo estava indo bem sem seus esforços. Quem sabe devesse tirar uma folga, também começar a se exercitar, e talvez até cuidar melhor de Erika, que estava se separando de Greger.

O elevador parou, ele abriu a porta pantográfica com um puxão e saiu no andar dela ainda mais convencido de que a visita seria em vão. Certamente Lisbeth estava fora e não se importava com ele. No mesmo instante se preocupou. A porta do apartamento dela estava escancarada, e de repente ele se lembrou de como, durante o verão todo, havia temido que ela fosse atacada por seus inimigos. Mikael passou correndo pela porta aberta, gritando “Olá! Olá!”, e se deparou com um cheiro de tinta e produtos de limpeza.

No entanto, não foi mais longe. Ouviu passos. Alguém resfolegou feito

um touro bufante na escada atrás dele, e Mikael se virou de repente, dando com dois brutamontes de macacão azul. Os homens carregavam um objeto grande, e em sua agitação Mikael não conseguiu interpretar a cena corriqueira de maneira normal.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou.

— O que é que você acha?

Pareciam dois carregadores de uma empresa de mudanças às voltas com um sofá azul, um móvel moderno e de design bacana, e ele sabia mais do que ninguém que Lisbeth não era fã de objetos de design e decoração, e estava prestes a dizer alguma coisa, quando ouviu uma voz vinda do interior do apartamento. Por um instante, achou que fosse Lisbeth, e se animou. Mas obviamente tinha se iludido. A voz nem mesmo lembrava a dela.

— Olha só que visita importante... A que devo a honra?

Ele se virou outra vez, e viu uma mulher negra e alta de quarenta e poucos anos observando-o com um olhar zombeteiro. Ela vestia uma calça jeans e uma blusa cinza elegante. Usava o cabelo trançado e tinha olhos oblíquos e cintilantes. Mikael ficou ainda mais confuso. Será que a conhecia de algum lugar?

— Não, não — ele murmurou. — Eu só...

— Você só...

— Errei o andar.

— Ou não sabia que a jovem tinha vendido a casa?

Ele não sabia e se constrangeu, sobretudo porque a mulher continuou sorrindo. Sentiu um grande alívio quando ela voltou a atenção para os carregadores, cuidando para que o sofá não esbarrasse no batente da porta, e em seguida desapareceu dentro do apartamento de novo. Ele queria sair dali e digerir a informação. Queria outra Guinness. Mas ficou, como que petrificado, olhando de soslaio para a caixa de correio embutida na porta. Ali não estava mais escrito “V. Kulla”, apenas Linder. Quem diabos era Linder? Ele fez uma busca pelo nome em seu celular, e a mulher apareceu na tela.

Era Kadi Linder, psicóloga e membro de diversos conselhos. Ele pensou no pouco que sabia sobre ela, mas principalmente em Lisbeth, e só conseguiu se recompor mais ou menos e parecer calmo quando Kadi Linder voltou à porta, a essa altura não apenas zombeteira, mas também intrigada e com

um olhar hesitante. Ela cheirava levemente a perfume, era elegante, com pulsos delgados e clavículas acentuadas.

— Agora me conte, você se enganou mesmo de andar?

— Vou passar essa pergunta — ele respondeu, imediatamente percebendo que não tinha sido uma boa resposta.

Pelo sorriso dela, porém, Mikael entendeu que ela não se deixara enganar por sua evasiva, e ele quis se safar com o menor prejuízo possível. Nada o faria revelar que Lisbeth havia morado naquele endereço sob uma identidade falsa, não importando o que Kadi Linder soubesse ou não sobre ela.

— Isso não me deixa exatamente menos curiosa — ela disse.

Ele riu, como se tudo não passasse de um assunto particular risível.

— Então você não está aqui para me investigar? — ela continuou. — Afinal, esse lugar não foi barato.

— Se você não cortou a cabeça de um cavalo e a deixou na cama de alguém, claro que eu vou te deixar em paz.

— Não me lembro de todos os detalhes das negociações, mas não acho que isso tenha acontecido.

— Ótimo. Então lhe desejo boa sorte — Mikael disse com fingida jovialidade, querendo ir embora com os carregadores, que já deixavam o apartamento.

No entanto, era evidente que Kadi Linder queria conversar mais, ela mexeu inquieta na blusa e nas tranças, e ele se deu conta de que interpretara como uma irritante autoconfiança o que na verdade era uma fachada para algo bem diferente.

— Você a conhece? — ela perguntou.

— Quem?

— A pessoa que morava aqui.

Ele devolveu a pergunta.

— Você a conhece?

— Não — ela respondeu. — Nem sei como se chama, mas gosto dela de qualquer jeito.

— Como assim?

— Apesar de todo o caos na Bolsa, as ofertas acabaram disparando, eu não tive como acompanhar, por isso desisti da compra. Mas consegui o apar-

tamento mesmo assim, pois “a jovem”, como o advogado a chamava, queria que eu ficasse com ele.

— Que engraçado.

— Não é?

— Será que você fez alguma coisa que agradou a essa jovem?

— Na mídia, minha fama é a de alguém que briga com os homens velhos dos conselhos de administração.

— Talvez ela goste desse tipo de coisa.

— Talvez. Posso te oferecer uma cerveja para inaugurar a casa? Assim quem sabe você me conta alguma coisa. Deixa eu te dizer...

Ela hesitou de novo.

— Adorei sua reportagem sobre os gêmeos. Foi emocionante.

— Obrigado — disse ele. — Você é muito gentil, mas preciso ir.

Ela assentiu com a cabeça e ele conseguiu articular um “tchau”. Mikael mal se lembrava de como foi embora de lá, apenas que saiu para a rua na noite de verão. Não notou as duas novas câmeras de segurança instaladas do lado de fora da porta de entrada do edifício nem mesmo o balão no céu logo acima. Ele simplesmente atravessou a praça de Mosebacke e seguiu descendo pela Urvädersgränd. Só ao chegar à Götgatan ele diminuiu o ritmo, sentindo-se totalmente sem energia, e no entanto nada havia acontecido além de Lisbeth ter se mudado. Na verdade ele deveria ter ficado feliz; ela estava mais segura agora. Mas em vez de se alegrar, sentiu isso como uma bofetada, o que obviamente era ridículo.

Afinal ela era Lisbeth Salander. E era do jeito que era. Mesmo assim, ele estava magoado. Ela pelo menos poderia ter dado a entender alguma coisa, e ele pegou seu celular de novo, pensando em lhe mandar uma mensagem, fazer uma pergunta. Mas deixou para lá. Desceu a Hornsgatan e viu que os mais jovens já haviam começado sua Corrida da Meia-Noite. Olhou admirado para os pais que aplaudiam e gritavam na beira da calçada, como se a alegria deles lhe fosse incompreensível, e se esforçou para encontrar uma brecha entre os corredores e atravessar a rua. Lá em cima na Bellmansgatan, os pensamentos continuaram a vagar e ele se lembrou da última vez em que tinha visto Lisbeth.

Fora no restaurante Kvarnen, na noite seguinte ao enterro de Holger, e nenhum dos dois encontrava facilidade para se expressar, o que, por motivos

óbvios, não era surpreendente. A única coisa que na verdade ele gravou desse encontro foi a resposta que ouviu dela quando lhe perguntou:

— O que você vai fazer agora?

— Vou ser o gato e não o rato.

O gato e não o rato.

Ele tentou fazê-la explicar, e não conseguiu. Lembrou de como depois ela foi embora, atravessando a praça de Medborgarplatsen com seu terninho preto feito sob medida que a fazia parecer um menino raivoso que havia se arrumado para uma festa a contragosto. Não fazia tanto tempo. Fora no início de julho. Mas já parecia distante, e ele ficou pensando nisso e em outras coisas enquanto caminhava para casa. Quando enfim já havia subido a seu apartamento e se instalado no sofá com uma Pilsner Urquell, o telefone tocou outra vez.

Era uma médica-legista chamada Fredrika Nyman.